



Abrindo os Setes Selos do Apocalipse

Livreto de Informações A

Complemento à Lição 3

Nos setes selos do Apocalipse, como nas sete igrejas e sete trombetas, a João foi mostrado uma delineação de condições que caracterizariam as fases sucessivas da era cristã. Ao estudar o esboço fornecido nessas profecias, podemos ver onde estamos no fluxo do tempo.

Como o **primeiro selo** é aberto (Apocalipse 6:1, 2), um cavalo branco aparece, “e o que nele estava assentado tinha um arco; e uma coroa lhe foi dada, e ele seguiu adiante conquistando, e para conquistar”. Esta é uma descrição do avanço do evangelho no primeiro século. Através do zelo missionário da igreja primitiva o evangelho “foi pregado a toda criatura que há debaixo do céu” (Colossenses 1:23). O cavalo branco indica a igreja em seu estado de pureza original. A coroa, ou coroa de vitória, mostra sua conquista sobre o poder do inimigo através da direção e liderança de Cristo.

O **segundo selo** (Apocalipse 6:3, 4) revela um cavalo vermelho. Nesta cena de sangue, paz é tirada da terra e muitos são assassinados com uma grande espada. Desde o início do segundo século até o edito de Constantino de 313 d.C., o Cristianismo era ilegal por todo o império romano pagão e os Cristãos eram perseguidos terrivelmente.

A abertura do **terceiro selo** (Apocalipse 6:5, 6) nos fornece uma visão do estado do Cristianismo pelos próximos 200 anos a partir de 313 d.C. O cavalo, agora preto, revela que a igreja perdeu sua pureza original. Seu cavaleiro tem um par de balanças. Uma voz é ouvida declarando que a quantidade de dinheiro que previamente era equivalente ao salário de um dia completo (Mateus 20:2), agora vale apenas um quarto de trigo. Que ilustração apropriada de como, através dos esforços de Constantino, ao se misturar com o paganismo, o Cristianismo foi depreciado. Anteriormente, declarar-se um “Cristão” poderia lhe custar a vida. Agora a palavra tinha perdido tanto seu valor que cada vil pagão andando na rua era um membro da igreja.

A abertura do **quarto selo** (Apocalipse 6:7, 8) continua em um cavalo amarelo. Aqui está uma igreja que está sem vida e pálida, sua religião é uma mistura de verdade e erro. Seu cavaleiro é a Morte e o Inferno a segue de perto. Este representa o período do Obscurantismo durante o qual a centelha da verdadeira santidade estava quase totalmente extinta pela alta mão dos representantes da igreja. “E poder lhe foi dado sobre a quarta parte da terra, para matar com a espada, e com a fome; e com a morte, e com as feras da terra”. A tribulação daqueles dias foi tão terrível que Jesus disse, “E, se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma carne se salvaria;” (Mateus 24:22).

Quando o **quinto selo** é aberto (Apocalipse 6:9-11), a figura muda. As mortes acumuladas de milhões do povo de Deus pelos séculos de opressão agora são retratadas como clamando a Deus, pedindo por justiça. “Até quando, Ó Senhor, santo e verdadeiro, não julgarás e vingaráis nosso sangue sobre aqueles que habitam na terra?” A resposta é dada que os mortos devem “descansar por um pouco de tempo”.

Os primeiros cinco selos nos trouxeram do primeiro século até metade do século XVIII. Agora nos atentamos aos sinais do fim que em seguida apareceriam sob a abertura do sexto selo (Apocalipse 6:12, 13).

Sinal N.º 1: 1 de novembro de 1755, “e eis que houve um grande terremoto”

“Provavelmente o mais famoso de todos os terremotos é aquele que destruiu Lisboa em 1 de novembro de 1755. Houve três grandes terremotos (o primeiro foi o maior) às 9:40, 10:00 e ao meio-dia. O principal choque durou de seis a sete minutos, uma duração atipicamente longa. Dentro de seis minutos, no mínimo 30.000 pessoas foram mortas, todas as grandes construções públicas e 12.000 moradias foram demolidas. Era um dia de igreja e grande perda de vidas ocorreu nas igrejas. Um incêndio prosseguiu e não se apagou por seis dias. Um cais de mármore na beira do rio desapareceu no fundo do rio carregado de pessoas. Alexander von Humboldt declarou que a área total abalada foi quatro vezes aquela da Europa”. *Encyclopedia Britannica Vol. 7, p. 848 (ed. de 1961)*.

“De longe, o terremoto mais espetacular dos tempos antigos foi o de Lisboa, em 1755. Alguns o consideraram como o maior terremoto já registrado. Se é possível acreditar em relatórios, a área sentida, que foi certamente mais de 1120 km de raio, se estendeu do Açores até a Itália e da Inglaterra até o Norte da África. Uma fonte de confusão nos relatórios deste choque, o que torna difícil julgar a extensão real da área sentida, foi a ocorrência generalizada de seixos... movimentos de ondas em lagoas e lagos...

“Oscilações deste tipo foram observadas na França, Itália, Holanda, Suíça e Inglaterra e relatórios dos movimentos vieram até da Noruega e Suécia, a uma distância de aproximadamente 2900 km a partir do epicentro. Nesses países, todavia, o choque certamente não foi sentido...

“Em 1755, o dano em Lisboa foi muito grande. Naquela época, a cidade tinha cerca de 230.000 habitantes, aproximadamente 30.000 deles foram mortos, de acordo com estimativas conservadoras. Muitas pessoas estavam nas igrejas, pois era o Dia de Todos os Santos e a hora da primeira Missa. O choque foi seguido por um tsunami (maremoto:) de cerca de 6 metros de altura e por incêndio.

“O desastre chocou toda a Europa e os moralistas e os sábios não demoraram a capitalizá-lo”. *About Earthquakes, p. 141-142, por G.A. Eiby (New York: Harper, 1957).*

Sinal N.º 2: 19 de maio de 1780, “...e o sol se tornou preto como um pano de saco de crina...”

“Às onze da manhã, a escuridão era tal que demandava nossa atenção e nos colocou a fazer observações. Por volta das 11:30hs, em uma sala com três janelas, 24 vidros cada, todas abertas para o sudeste e sul, letras grandes não podiam ser lidas por pessoas com vista boa. Por volta do meio-dia, as janelas ainda estavam abertas, uma vela projetava uma sombra tão bem definida na parede, que perfis eram tirados com a maior facilidade possível durante a noite. Por volta de uma hora, um brilho de luz que continuou até este momento no Leste se fechou, e a escuridão era maior do que havia sido antes, entre uma e duas horas, o vento do Oeste refrescou um pouco, e um sorriso apareceu naquele bairro. Jantamos às duas horas com as janelas todas abertas e duas velas acesas sobre a mesa. No tempo da maior escuridão, algumas das galinhas foram para o poleiro: os galos cantaram em resposta um ao outro, como costumam fazer à noite: as galinholas, que são pássaros noturnos, assobiavam como fazem apenas no escuro: os sapos espiavam. Em suma, apareceu a meia-noite ao meio-dia”. *The Boston Gazette and the Country Journal, 29 de maio de 1780, p. 4.*

“As pessoas não conseguiam ler as impressões comuns, determinar a hora do dia em seus relógios de parede ou pulsos, jantar ou administrar seus negócios domésticos, sem a luz das velas. Em alguns lugares, a escuridão era tão grande que as pessoas não conseguiam fazer uma leitura comum ao ar livre, por várias horas consecutivas”. *Memoirs of the American Academy of Arts and Sciences: to the End of the Year 1783, Vol. 1, p 234-235, por Harvard professor Samuel Williams (Boston: Adams and Nourse, 1785).*

“O 19 de maio de 1780, foi um dia sombrio notável. As velas ficavam acesas em muitas casas; os pássaros ficaram em silêncio e desapareceram e as aves se retiraram para o poleiro. A legislatura de Connecticut estava em sessão em Hartford. Uma opinião muito geral prevaleceu de que o dia do julgamento estava próximo. A Câmara dos Deputados, incapaz de negociar seus negócios, foi fechada. Uma proposta para adiar o conselho estava sendo considerada. Quando a opinião do coronel [Abraham] Davenport foi solicitada, ele respondeu: sou contra um adiamento. O dia do julgamento ou está chegando ou não está. Se não estiver, não há motivo para um adiamento: se estiver, escolho ser encontrado cumprindo meu dever. Desejo, portanto, que velas sejam trazidas. *Timothy Dwight, citado em Connecticut Historical Collections, compilado por John Warner Barber, p 403 (2.ª ed.; New Haven: Durrie & Peck and J. W. Barber, 1836).*

“Foi em um dia de maio do longínquo ano de mil setecentos e oitenta que caiu Sobre a floração e doce vida da primavera, Sobre a terra fresca e o céu do meio-dia, Um horror de grandes trevas. “Homens oraram e mulheres choraram; todos os ouvidos ficaram afiados Para ouvir o estrondo de destruição da trombeta estilhaçar o céu negro, como se o terrível rosto de Cristo pudesse olhar desde as nuvens rasgadas, não como se olhasse um amoroso hóspede em Betânia, mas severo como Justiça e Lei implacável.

“Enquanto isso, na antiga Casa do Estado, sombria como fantasmas, sentavam-se os legisladores de Connecticut, tremendo sob suas vestes legislativas. “É o Grande Dia do Senhor! Vamos adiar”, alguns disseram; e então, como se de comum acordo, todos os olhos estavam voltados para Abraham Davenport. Ele se levantou, lentamente se agarrando com sua voz firme o silêncio intolerável. “Este pode muito bem ser o dia do julgamento que o mundo espera; mas, seja ele ou não, apenas conheço o meu dever atual e a ordem do meu Senhor de vigiar até que Ele venha. Assim, no posto em que Ele me pôs em Sua providência, eu escolho, por um lado, encontrá-Lo face a face, Nenhum servo infiel tem medo de minha tarefa, mas pronto quando o Senhor da colheita chama; E, portanto, com toda reverência, eu diria: Que Deus faça Sua obra, veremos a nossa. Traga as velas”. “*Abraham Davenport,*” em seu *Complete Poetical Works*, p 260, por John Greenleaf Whittier (Cambridge ed.; Boston: Houghton, 1894).

"Talvez alguns, atribuindo uma causa natural a isso, atribuindo-a ao vapor espesso no ar, se esforcem para evitar a força de ser um sinal, mas a mesma objeção estará contra os terremotos, sendo sinais que nosso Senhor expressamente menciona como tal. Da minha parte, considero realmente a escuridão como um dos prodígios preditos no texto; projetado para nossa advertência e aviso". *Pronunciamento de testemunha ocular Elam Potter, entre em 28 de maio de 1780, em Enfield, Conn., citado em The Advent Herald, 13 de março de 1844, p. 46.*

[**Observação:** qualquer sugestão de uma causa natural não pode, de maneira alguma, militar contra o significado do evento como cumprimento profético. A explicação consagrada pelo tempo é que, dezessete séculos e meio antes de ocorrer, o Salvador havia predito definitivamente esse duplo sinal dizendo: “Mas naqueles dias, após a tribulação, o sol se escurecerá, e a lua não dará a sua luz”. (Marcos 13:24); e esses sinais ocorreram exatamente como previsto e no tempo indicado, muito antes de ocorrerem. Há muito se salienta que é o fato e não a causa das trevas que é significativo nessa conexão; como também no caso de terremotos, estrelas cadentes e outros eventos vistos como sinais dos tempos. Quando o Senhor abriu um caminho para seu povo pelo meio do mar, ele fez isso através de “um forte vento oriental”. Êxodo 14:21. Foi por esse motivo menos milagroso? Da mesma maneira, explicar o notável escurecimento do sol e da lua ou a queda das estrelas como eventos na natureza não é desacreditá-los como sinais misericordiosos do fim do tempo da graça que se aproxima].

Sinal N.º 3: 19 de maio de 1780, “...e a lua tornou-se como sangue”

"O segundo é o da lua se transformar em sangue; isso eu não vi, mas, considerando a informação, tenho motivos para acreditar que ocorreu entre as duas horas e o amanhecer na manhã da mesma noite após a qual o sol estava escurecido, o que se dizia parecer um coágulo de sangue; e é o mais provável, como naquela noite, antes que a lua aparecesse, estava tão escuro, em proporção, quanto o dia, e é claro, daria à lua uma aparência extraordinária – sem permitindo sua iluminação”. *A View of Spiritual, or Anti-typical Babylon [Uma Visão do Espiritual, ou Babilônia Anti-típica], p 73, por Benjamin Gorton (Troy [N.Y.]: the Author, 1808).*

Notícias de *Providence, R.I., datado em 20 de maio, no The Pennsylvania Evening Post (Philadelphia), 6 de junho de 1780, p. 62,* cujo despacho de notícias se refere a uma lua vermelha em determinadas áreas por um período de três dias.

Sinal N.º 4: 13 de novembro de 1833: “E as estrelas do céu caíram sobre a terra, assim como uma figueira lança seus figos prematuros, quando ela é abalada por um forte vento”

“A manhã de 13 de novembro de 1833, foi memorizada por uma exposição do fenômeno chamado ESTRELAS CADENTES, que provavelmente foi mais extenso e magnífico do que qualquer outro similar até agora registrado...

“Provavelmente, nenhum fenômeno celeste jamais ocorreu neste país, desde seu primeiro assentamento, que foi visto com tanta admiração e prazer por uma classe de espectadores, ou com tanto espanto e medo por outra classe...”

“O leitor pode imaginar uma sucessão constante de bolas de fogo, assemelhando-se a foguetes do céu, irradiando em todas as direções a partir de um ponto nos céus, alguns graus a sudeste do zênite, e seguindo o arco do céu em direção ao horizonte. As bolas, enquanto viajavam pela arcada, geralmente saíam atrás delas uma vívida faixa de luz e, pouco antes de desaparecerem, se explodiam ou se resolviam subitamente em fumaça. Nenhum relato ou ruído de qualquer tipo foi observado, embora tenhamos ouvido atentamente...”

“Os flashes de luz, embora menos intensos que os raios, eram tão fortes que despertavam as pessoas em suas camas. Uma bola que disparou na direção noroeste e explodiu um pouco ao norte da estrela Capella, deixou, logo atrás do local da explosão, um trem fosforescente de beleza peculiar...”

“Os meteoros começaram a atrair atenção por sua frequência incomum ou brilho, das nove às doze horas da noite, que impressionavam pela aparência, das duas às cinco, chegaram ao seu máximo, em muitos lugares, em cerca de quatro horas, e continuaram até tornarem-se invisíveis à luz do dia”. *The American Journal of Science and Arts*, #25, Jan.? 1834, p 363, 365, 366, 386, 393, 394, artigo: “*Observations on the Meteors [Observações sobre os meteoros] de 13 de novembro de 1833,*” por Denison Olmsted.

“Para entender o uso da palavra chuva em conexão com estrelas cadentes, devemos voltar às primeiras horas da manhã de 13 de novembro de 1833, quando os habitantes deste continente [América do Norte] de fato, presenciaram uma das exibições naturais mais espetaculares que o céu noturno já produziu. Por quase quatro horas o céu estava literalmente em chamas. Mais de um bilhão de estrelas cadentes apareceram apenas nos Estados Unidos e Canadá”. *The Telescope*, #7, maio-junho, 1940, p 57, artigo “*The Falling of the Stars*” [A queda das estrelas], por Peter M. Millman.

“A chuveirada permeou quase toda a América do Norte, tendo aparecido em quase igual esplendor desde as possessões britânicas no norte, até as ilhas das Índias Ocidentais e do México no Sul, e desde sessenta e um graus de longitude à Leste da Costa Americana. para o Oceano Pacífico, a Oeste. Em toda a região, a duração foi quase a mesma”. *Letters on Astronomy, Endereçado a uma senhora: na qual os elementos da ciência são familiarmente explicados em conexão com sua história literária*, pág. 348-349, por Denison Olmsted (ed. de 1840).

“Nem a linguagem, nem o lápis podem retratar adequadamente a grandiosidade e a magnificência da cena... Pode-se duvidar de que alguma descrição tenha superado, em precisão e impressionabilidade, a do negro idoso na Virgínia, que disse: “É terrível, de fato, senhor, pareciam maçãs silvestres maduras caindo das árvores ao sacudi-las para obter cidra”. *The New-England Magazine*, #6, Jan.-Junho, 1834, p. 47-48, artigo “*The Meteoric Shower*”, [A chuva de meteoros] por J.T. Buckingham.

Todas as citações do “The Five Winter Counts” [“As Cinco Contagens de Inverno” - registros cronológicos de descrição de imagens com nomeação anual (no inverno) por um evento marcante], sem dúvida se referem à magnífica exibição meteórica da manhã de 13 de novembro de 1833, testemunhada em toda a América do Norte e atribuída corretamente ao inverno correspondente ao de 1833-1834. Todas representam estrelas com quatro pontas, exceto a do ‘The-Swan’, que desenha um objeto globular seguido por uma trilha linear.

“Choveu estrelas. Contagem de inverno de Cloud-Shield, 1833-34. White-Cow-Killer chama de “inverno cheio de estrelas”.

“As estrelas se chacoalharam. Contagem de inverno de ‘American-Horse’, 1833-34. Isso mostra uma grande estrela de quatro pontas como o objeto caracterizador e muitas estrelas pequenas, também de quatro pontas”.

“Muitas estrelas caíram. Contagem de inverno de ‘The-Flame’, 1833-34. O personagem mostra seis estrelas acima da concavidade da lua.

“Dakotas testemunha magníficas chuvas de meteoros; muito apavorado. Contagem de

inverno de 'The-Swan', 1833-34”.

“‘Battiste Good’ chama isso de ‘inverno de tempestade de estrelas’ e dá como dispositivo uma tenda com estrelas caindo ao redor. “*Picture-Writing of the American Indians (Descrição de imagens dos índios americanos)*”, [U.S.] Bureau of Ethnology. *Tenth Annual Report to the Secretary of the Smithsonian Institution, 1888-89*, p. 723, por Garrick Mallery (Washington: Government Printing Office, 1893)”.

“Eu testemunhei esse espetáculo deslumbrante e fiquei impressionado. O ar parecia cheio de brilhantes mensageiros descendentes do céu. Já amanhecia quando vi essa cena sublime. Não deixei de sugerir, no momento, que esse fosse o prenúncio da vinda do Filho do Homem; e no meu estado de espírito no momento, eu estava preparado para saudá-Lo como meu amigo e libertador. Eu tinha lido que as “estrelas cairão do céu’ e agora estavam caindo”. *Life and Times of Frederick Douglass, quoting Frederick Douglass*, p. 117, Edição original 1855 (New York: Pathway Press, 1941).

Agora estamos entre os versículos 13 e 14 do Apocalipse, capítulo 6. O próximo evento a ocorrer é o fim do mundo (versículos 14-17).